



O FUNCIONAMENTO DO MATERNALÊS/PATERNALÊS DO PB

Gláucia Daniele Ferreira¹
Maria de Fátima de A. Baia²
Vera Pacheco³

INTRODUÇÃO

Uma das perguntas mais frequentes de pais e cuidadores quando entram em contato com especialistas em desenvolvimento linguístico, incluindo a nossa equipe de estudos em desenvolvimento fonológico (GEDEF), é se seria errado e prejudicial falar “simplificado” com as crianças. Muitos pais e cuidadores sustentam a ideia de que seria necessário falar uma gramática “correta”, isto é, a mesma gramática e modo de falar utilizados na interação entre adultos. Tendo esse questionamento como maior motivação, apresentamos o presente estudo o qual tem como intuito apresentar a naturalidade do uso da fala modificada na interação com as crianças por meio de literatura prévia e um estudo de caso de uma criança adquirindo o português brasileiro (PB) na interação com sua família.

PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE E A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO (INPUT)

Na teoria da complexidade, a aquisição da linguagem é tida como algo constante e variável. Com isso, entendemos que a fala do adulto, dentro do contexto conversacional com a criança, atua de maneira diferenciada a depender dos sujeitos envolvidos. São vários

1 Formada em Técnica de Informática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (Campus de Vitória da Conquista). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestranda em Linguística por esta mesma instituição (PPGLin/GEDEF/UESB). Endereço eletrônico: glaucia_daniele2@hotmail.com

2 Professora doutora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB). Endereço eletrônico: baiamfa.ling@gmail.com

3 Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutora pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho/Araraquara. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: vera.pacheco@gmail.com



os fatores que corroboram a interação do adulto com o infante, o que torna difícil delimitar regularidades considerando diferentes pessoas e crianças que possuem desenvolvimentos específicos de linguagem.

Conforme Kuhl (2006), com poucos dias de vida, a criança já consegue apreciar, agindo de maneira positiva, a fala que a conforta e gratifica, e assim, diferenciando a fala de outros sons rítmicos ou não. Segundo os autores, as crianças na segunda metade do primeiro ano de vida estão ativamente empenhadas em aprender as características acústicas das unidades fonéticas contidas no idioma que ouvem, e podem fazê-las mesmo quando ouvem o material em língua estrangeira pela primeira vez. Ademais, Kuhl (2006) mostra que a detecção infantil de padrões não se limita às unidades segmentais, pois padrões prosódicos mais gerais da linguagem também são reconhecidos de forma que, ao nascer, crianças demonstram preferência pela fala de sua mãe e reconhecem diferentes padrões prosódicos de diferentes línguas.

A fala do adulto é extremamente importante para a criança, sobre isso Gratier (2011, p.79) afirma que: “A voz é um dos elementos de toda uma corporeidade que organiza as experiências do bebê e lhe dão um sentimento de existência”. Desde muito cedo, os bebês já reconhecem, a partir de interações, que suas emissões já produzem algum efeito sob o outro.

ASPECTOS GERAIS DO MATERNALÊS/PATERNALÊS

Quase sempre que um adulto entra em um processo conversacional com a criança, ele tende a mudar o seu registro de fala. Esse modo de falar diferenciado é conhecido como: maternalês/paternalês⁴, o qual se caracteriza por ser uma fala infantilizada, pois, para elaborá-la, o que entra em ação são palavras como: “dodói”, “gatinho”, “nana”, “bissei”, etc. Em geral, assume-se que isso acontece pelo fato de o adulto considerar as palavras originais difíceis para a criança pronunciar e/ou aprender. No entanto, mesmo com simplificações, segundo Cavalcante (2007), o maternalês/paternalês funciona como um “input”, possibilitando ao infante aprender a língua.

O trabalho prévio de Ferguson (1964), sobre o maternalês/paternalês em seis línguas (árabe, marathi, comanche, gilyak, inglês e espanhol), reforça a perspectiva de

⁴ Há quem utilize outros termos como, por exemplo: “*child-directed speech (CDS)*”, “*baby talk*”, “manhês”, “fala tatibitai”, etc.



Cavalcante (2007) ao considerar que o objetivo principal do maternalês/paternalês é ensinar a criança a falar, possibilitando haver um contato direto com a língua. Para tanto, cada comunidade linguística fornece um estoque de itens dessa fala que podem servir de material para o bebê, de forma que não interferem na aquisição das palavras da forma-alvo, pois são gradualmente descartados quando palavras cristalizadas na forma-alvo emergem na fala das crianças.

Aspectos linguísticos do maternalês/paternalês

Ferguson (1964) destaca algumas características fonológicas e morfológicas do maternalês/paternalês, tais como: (1) fenômenos entoacionais e paralinguísticos⁵; (2) construções e modificação de palavras a partir da língua alvo; e (3) um conjunto de itens lexicais peculiares. Além disso, o autor nota o predomínio de substantivos em relação aos pronomes e verbos.

Ferreira (2011) também reforça outros aspectos estruturais da fala direcionada à criança tais como:

[...] uso imoderado da intensidade do som, variação no tempo de emissão, e no timbre de voz, pausas, ritmo, linha melódica, etc. (prosódia). 2. da repetição de palavras e frequência de diminutivos (nível léxico ou morfológico). 3. do uso de palavras-frases ou de frases simplificadas (nível sintático). 4. da ordenação e organização dessas realizações (prosódica, morfológica, sintática) na composição de um texto (diálogo ou texto pragmático-discursivo). (FERREIRA, 2011, p.247)

De acordo com Scarpa (2001), os elementos prosódicos, como ritmo e entonação, são bastante acentuados tanto na fala do infante quanto na percepção que a criança tem da fala do adulto por serem recursos expressivos extremamente importantes.

METODOLOGIA

5 É importante lembrar que assim como no maternalês/paternalês a fala do adulto dirigida para outro adulto também está recheada de fenômenos entoacionais e paralinguísticos.



Foram analisados dados de um estudo de caso –fala de cuidadores em interação com uma criança do sexo masculino (M.), na faixa etária de 9 meses a 2 anos de idade, de São Paulo. Foram analisados 1324 dados (*tokens*) da fala dirigida à M. (SANTOS, 2005). A coleta dos dados para o desenvolvimento deste estudo aconteceu de forma naturalística, ou seja, momentos não programados que surgiram naturalmente a partir da interação cuidador/criança.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

No que se refere às *classes gramaticais*, apoiamo-nos em Pinker (2002) que explica que as palavras são constituídas por partes, os chamados morfemas, sendo que, estes acabam por se associarem de determinadas maneiras. Nesse sentido, para Câmara Jr. (2013, p.72), a “depreensão” desses morfemas, “constituindo o vocábulo formal “[...] procede à descrição rigorosa das formas de uma língua dada”. Tais vocábulos formais dividem-se em: *substantivos, verbos, pronomes, adjetivos, advérbios* etc, utilizados na nossa análise de dados.

No que se refere aos fenômenos morfofonológicos analisados da fala dos cuidadores, as seguintes categorias são analisadas: 1. *Diminutivo e aumentativo*: o diminutivo, mais especificamente no PB adulto, caracteriza uma categoria morfossintática, que se realiza flexionalmente em nomes (ou substantivos); 2. *Reduplicação (total e parcial)*: dependendo da língua pode se tratar de um fenômeno fonológico ou morfológico⁶. No PB, temos apenas o uso fonológico da reduplicação que, segundo Schwartz *et al.* (1980, *apud* BAIA, 2014), pode ser classificada de duas maneiras: total, quando uma sílaba idêntica é reduplicada, ou parcial, quando apenas parte da sílaba (C ou V) é mantida na sílaba reduplicada; 3. *Truncamento*: consideramos truncamento produções adaptadas da forma alvo que são produzidas com queda de sílabas ou segmentos; 4. *Simplificações*: o que chamamos de simplificações são adaptações no nível segmental na fala dirigida à criança, por exemplo, na interação com M., o cuidador fala “bisseiro” ao invés de “travesseiro”.

Na análise do total de 1324 dados, observamos uma predominância de substantivos simplificados em torno de 95,4% (1264), seguida pela simplificação de adjetivos em 2,4% (32), de verbos em 1,7% (21), de advérbios em 0,4% (6) e apenas um caso de pronome

⁶ Para Huch (2004 *apud* Baia 2010, p. 31-32), “A diferença é que a reduplicação fonológica envolve, por definição, identidade fonológica, e a reduplicação morfológica envolve semântica e não necessariamente identidade fonológica”.



(0,1%). A distribuição de cada categoria gramatical ao longo das sessões é ilustrada no gráfico a seguir:

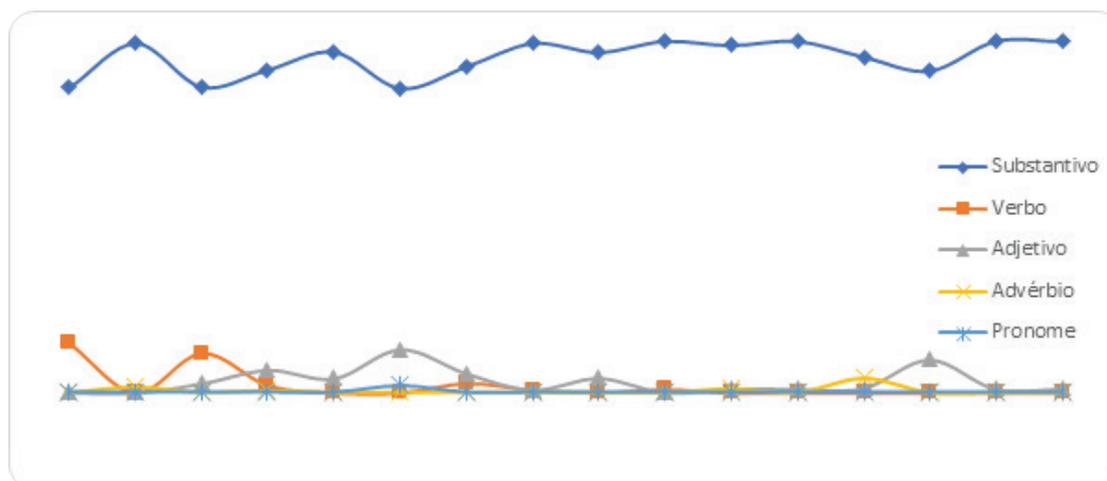


Gráfico 1: Categoria gramatical na fala de cuidadores de M(%).

Exemplos dessas produções são listados a seguir:

| Exemplo | Forma-alvo | Categoria | Sessão |
|---------------|------------|-------------|--------|
| (1) ursinho | urso | substantivo | 0;9 |
| (2) mimir | dormir | verbo | 0;9 |
| (3) bonitinho | bonito | adjetivo | 1;1 |
| (4) tudinho | tudo | pronome | 1;2 |
| (5) pouquinho | pouco | advérbio | 1;6 |

Sabe-se que a classe de substantivos preenche várias funções sintáticas, sendo assim, a própria gramática da língua privilegia a maior ocorrência de substantivos, devido a isso, não é de se estranhar a predominância dos substantivos, também, na fala do adulto direcionado à criança, isso porque o adulto, normalmente, tende a incitar a criança a nomear e, na maioria das vezes, se apropria de objetos ou nome de pessoas com esse propósito. Por exemplo, na sessão 0;9:

(6) *AUN: o(lha) o **gatinho**, o(lha).

(7) *AUN: cadê o **palhacinho**?⁷

7 No formato CHAT, *AUN é usado para tia (*aunt*).



Além do tipo de categoria gramatical, verificamos qual padrão morfofonológico foi mais frequente nos dados do maternalês/paternalês direcionados a M. Após análise, verificamos a predominância de diminutivos em 46,2% (612), seguida por reduplicações totais e parciais em 41% (542), truncamento em 11,2% (149), simplificações segmentais em 1,5% (20) e apenas um dado de uso de aumentativo:

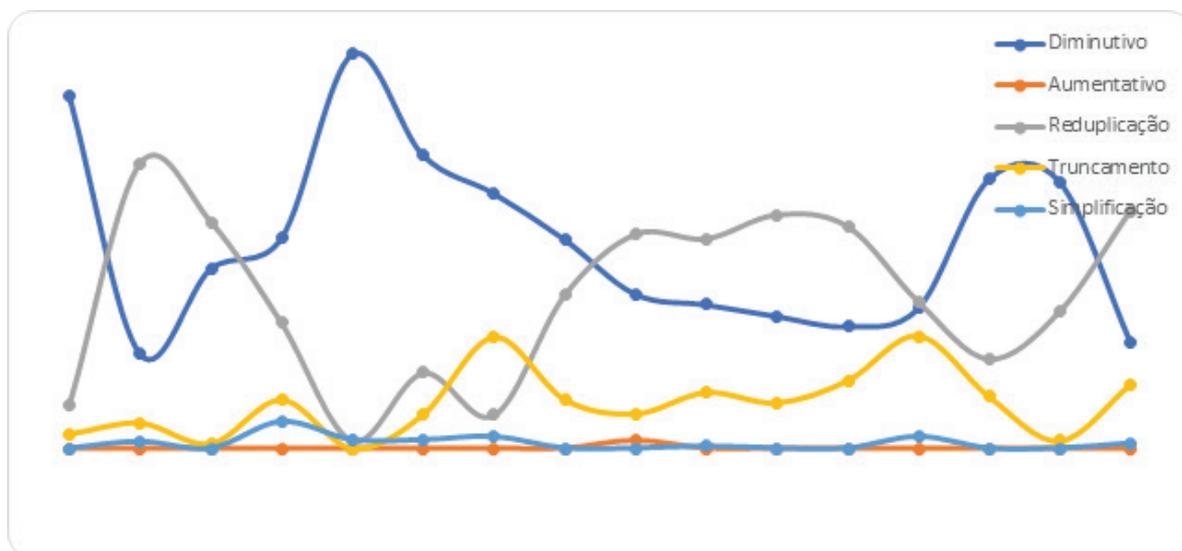


Gráfico 2: padrões morfofonológicos na fala de cuidadores de M. (%)

Exemplos dessas produções são listados a seguir:

| Exemplo | Forma-alvo | Categoria | Sessão |
|---------------|-------------|---------------|--------|
| (6) Palminha | palma | diminutivo | 0;9 |
| (7) bichão | bicho | aumentativo | 1;5 |
| (8) nãã | não | reduplicação | 1;0 |
| (9) peta | chupeta | truncamento | 1;0 |
| (10) bisseiro | travesseiro | simplificação | 1;3 |

Até a faixa etária analisada, houve produção frequente desse tipo de fala. No gráfico a seguir, apresentamos o percurso desse tipo de produção e acrescentamos a sessão mais tardia da qual temos a transcrição (2;5 – 93 tokens):

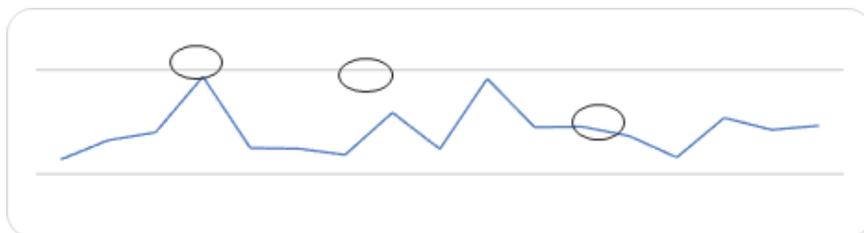


Gráfico 3: uso de maternalês/paternalês ao longo das sessões de M. (valores brutos)

Como podemos observar no gráfico 3, esse tipo de fala direcionada foi usada com mais frequência quando M. tinha 1;0 e 1;6. Todavia, seu uso não desaparece de maneira abrupta como ilustra a sessão 2;5. Ademais, precisamos lembrar que além de categoria gramatical e tipo de padrão de adaptação, há características prosódicas, tais como ritmo e entoação, que também caracterizam esse tipo de produção. Trataremos delas em um trabalho posterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, apresentamos dados da fala de cuidadores em contato com uma criança com desenvolvimento típico de linguagem. Apresentamos o aspecto natural e complexo da fala dirigida à criança na nossa e em outras culturas, questionando, dessa maneira, a ideia de que esse tipo de produção seria prejudicial ao desenvolvimento linguístico da criança.

Palavras-chave: Maternalês. Desenvolvimento fonológico. Sistemas Adaptativos Complexos.

REFERÊNCIAS



BAIA, M.F. A. A reduplicação fonológica na aquisição do português brasileiro: uma comparação com outras línguas românicas. **ReVEL**, v. 8, n. 15, 2010.

BAIA, Maria de Fátima de Almeida. Estudo de caso de uma criança adquirindo a fonologia do português brasileiro: A emergência de *templates*, **Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística do Curso de Letras da Faculdade de Tecnologia IPUC- FATIPUCA**, Canoas, n.1, p.95-103, jan.- jul. 2014.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. Estruturas da língua portuguesa. 45^a edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CAVALCANTE, M. B. **Manhês**: produção e percepção na aquisição da linguagem. In: AGUIAR, Marígia Ana de Moura; MADEIRO, Francisco (Orgs.). **Em-tom-ação**: A Prosódia Em Perspectiva. Recife, PE: EditoraUniversitária UFPE, pg.170-199, 2007

FERGUSON, C. A. Baby talk in six languages. **American anthropologist**, v. 66, n. 6, PART2, p. 103-114, 1964.

FERREIRA, S. S. O manhês e o impossível da língua In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, D. **O bebê e seus Intérpretes: clínica e pesquisa**. 1^a ed. São Paulo: Instituto Langage, pg. 243-251, 2011.

GRATIER, M. As formas da voz: o estudo da prosódia na comunicação vocal mãe-bebê. In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (Orgs.). **O Bebê e seus Intérpretes: clínica e pesquisa**. 1^a ed. São Paulo: Instituto Langage, pg.79-83, 2011.

KUHL, P. **Língua, cultura, mente, cérebro**: Progresso nas fronteiras entre disciplinas. São Paulo: PaulistanaEditora, 2006.

PINKER, S. **O instinto da Linguagem. Como a mente funciona**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANTOS, R. S. **A Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro**. Projeto USP, 2005.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, pág. 203-232.